

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA INFIDELIDADE

Social representations of infidelity

Anchielle Crislane Henique da Silva¹

UNIFASB - Barreiras

anchychs@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/7598871327959147>

Paula Loise Menezes dos Santos Ramos²

UNIFASB – Barreiras

psipaulaloise@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5893008638007375>

Rosana Maria Reis dos Santos³

UNIFASB – Barreiras

mariaroh.reis@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7770239474025160>

RESUMO: As relações conjugais têm se modificado ao longo do tempo, existindo novas formas de encarar os relacionamentos. Dentro dessas, as relações extraconjugais têm sido uma realidade cada vez mais frequente. A percepção de fidelidade está associada com o conceito de família monogâmica, na qual está vinculada ao interesse de posses. A descoberta de uma infidelidade pode gerar conflitos que nem sempre são possíveis de serem compreendidos, pois, uma determinada cultura pode ver o ato como algo imoral e condenável, gerando impactos relevantes para a sociedade e indivíduos que a compõe. Neste artigo, analisamos as construções sociais das relações extraconjugais, visto que, homens e mulheres podem atribuir diferentes valores as traições. Foi utilizado como método a pesquisa qualitativa quantitativa. Sendo a amostra 22 pessoas que estejam em uma união estável (coabitação) e/ou casadas. Através da entrevista semiestruturada e utilizando análise temática, a maior parte da amostra classifica a infidelidade como ação inapropriada e de desvalor ao parceiro/a, ademais não foram observadas

¹Mestranda em Psicologia (UNICEUB). Docente do curso de Psicologia no Centro Universitário São Francisco de Barreiras (UNIFASB)

²Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário São Francisco de Barreiras - UNIFASB.

³Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário São Francisco de Barreiras - UNIFASB.

diferenças significativas entre homens e mulheres, de ambos os gêneros surgiram sentimentos negativos acerca da (possível) vivência.

Palavras-Chave: casamento, infidelidade, construções sociais.

ABSTRACT: Marital relationships have changed over time, and there are new ways of looking at relationships. Within these, extramarital relationships have become an increasingly frequent reality. The perception of fidelity is associated with the concept of the monogamous family, in which it is linked to the interest of possessions. The discovery of an infidelity may generate conflicts that are not always possible to be understood, because a certain culture may see the act as something immoral and reprehensible, generating relevant impacts for society and individuals who compose it. In this article, we analyze the social constructions of extramarital relationships, since men and women may attribute different values to betrayal. The method used was qualitative and quantitative research. The sample was 22 people who are in a stable union (cohabitation) and/or married. Through semi-structured interviews and using thematic analysis, most of the sample classifies infidelity as an inappropriate action and of devaluation to the partner. Furthermore, no significant differences were observed between men and women; negative feelings about the (possible) experience emerged from both genders.

Keywords: marriage, infidelity, social constructions.

SUMÁRIO: INTRODUÇÃO; MÉTODO, Tipo de estudo, Descrição do local da pesquisa, População, Amostra, Instrumento e Procedimentos de Coleta de Dados; ASPECTOS ÉTICOS; RESULTADO E DISCUSSÃO, 1 perfil da amostra, 2 Representações sociais da infidelidade; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

Casamentos são uniões que acontecem entre dois indivíduos, sendo que estas uniões foram se diversificando no decorrer dos séculos. A origem da palavra “conjugal” é latim e é formada pelos termos “*cum*”: que remete a idéia de união ou companhia juntamente com “*jagum*”: que significa domínio (Zacharias et al., 2011).

Essas mudanças advêm da decorrência de diversos fatores como, econômicos, culturais, sociais, entre outros – o que auxilia na mudança da concepção dos sujeitos acerca desta instituição e de sua funcionalidade (Osório, 2002).

Atualmente, os relacionamentos conjugais são caracterizados como uma relação afetiva com intimidade e relacionamento sexual. Os casais podem configurar diferentes modos: os que coabitam, ou não; serem heterossexuais ou homossexuais, ter a possibilidade de optarem por filho, etc (Rosset, 2004).

Portanto, segundo Severino (1996, p. 78) podemos entender o casamento como a escolha de duas pessoas em “conviverem numa relação estável e que implica assumirem compromissos mútuos, oferecendo suporte para as necessidades sociais, afetivas e sexuais”. Levando em consideração a instituição casamento, as crenças, valores e acordos pré-estabelecidos pela tradição cultural de relacionamentos, faz-se o questionamento sobre as relações extraconjugais e os impactos na quebra desse compromisso.

Nessa perspectiva, vários autores discorrem sobre o que vem a ser infidelidade, como nas relações conjugais também surgem concepções diferentes sobre este conceito (Rosset, 2004). Segundo a mesma autora, podemos definir infidelidade como uma quebra de confiança, a traição de um relacionamento onde um acordo foi quebrado. Cada casal define seus acordos e o que é considerado traição ou não, fica a encargo dos sujeitos da relação. Estas definições podem depender de inúmeras variáveis, como as crenças em relação a casamentos (Rosset, 2004), todo o indivíduo já conviveu ou esteve próximo de casais em sua vida e a maneira como estas relações se dão acabam corroborando para crenças pessoais sobre o funcionamento do casamento.

Nesse sentido, podemos pensar que um indivíduo que vivencia situações em sua vida onde recebe informações ou visualiza situações de infidelidade e as consequências que são acarretadas, todos estes acontecimentos contribuirão para suas crenças na construção de sua relação. Sendo relevante para a pesquisa utilizar como análise as Representações Sociais.

O termo Representações Sociais foi criado em 1961 pelo psicólogo social francês Serge Moscovici e, a partir dele, essa teoria vem sendo abordada por diversos autores importantes. Trata-se de uma teoria que busca explicar os fenômenos, tornando espaços para estudos psicossociológicos (Sá, 2004).

Segundo Moscovici (2007), a representação social está relacionada com a intenção de classificar as coisas ou os indivíduos, isto ocorre em uma tentativa de descrever seus sentimentos e ações. Essa teoria verifica as representações que se têm sobre os objetos, pessoas e situações e estuda o indivíduo nas suas relações com ambiente, ou seja, foca-se nas relações humanas. É importante salientar também que a teoria das Representações Sociais é uma forma sociológica de Psicologia Social, que é considerada uma área da psicologia que estuda as interações entre o indivíduo e a sociedade e, a partir dessa relação, é que ele se constrói (Farr, 1995).

Portanto este estudo busca analisar as representações sociais sobre relações extraconjugais de pacientes da Clínica escola de psicologia da UNIFASB/UNINASSAU localizada no município de Barreiras, BA, com o objetivo de verificar quais as consequências

das relações extraconjugais; identificar as crenças da amostra sobre os possíveis motivos que levam a relações extraconjugais e conhecer quais são as percepções sobre o casamento. Posteriormente, discute-se as percepções dos participantes, tendo em vista, possibilitar melhor conhecimento para diferentes públicos-alvo sobre a temática.

MÉTODO

TIPO DE ESTUDO

Este estudo caracteriza-se por uma pesquisa de campo, com método quali-quantitativo de caráter exploratório e descritivo. O tipo de pesquisa exploratória possui a finalidade de proporcionar maior familiaridade com o problema ainda pouco explorado, podendo torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses (Gil, 2007).

A abordagem quali-quantitativa, permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões possibilitando maior confiança de que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de uma circunstância particular (Goldenberg, 2005 p.62). Portanto, foi contemplado nesse estudo tanto a quantificação dos dados como a qualificação dos eventos observados no decorrer da pesquisa.

DESCRIÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Unidade de Serviços (Clínica Escola), que pertence ao Centro Universitário São Francisco de Barreiras. A unidade caracteriza-se por um espaço bem estruturado e arejado, idealizado para potencializar ainda mais a formação dos acadêmicos em exercício. Promovendo estágios supervisionados em psicologia, fisioterapia e direito, realizando atividades práticas necessárias ao desenvolvimento dos futuros profissionais em questão. O espaço conta ainda por diversas salas para fins terapêuticos e auditórios que propiciam uma melhor comunicabilidade, possibilitando, portanto, troca de informações quando utilizado tal ambiente.

POPULAÇÃO

A população compreende a aproximadamente 88 pacientes em atendimento na Clínica Escola de Psicologia. As informações sobre a quantidade de pessoas em atendimentos, foram disponibilizadas pela coordenação da própria Unidade de atendimento psicológico

AMOSTRA

Para a amostra entrevistou-se 25% da população citada, ou seja, foram selecionados por conveniência 22 pessoas que estão em um relacionamento amoroso, como: casamentos, união estável ou coabitação. Os participantes desse estudo concordaram em participar assinando o TCLE.

INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foram utilizados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e uma entrevista semiestruturada desenvolvida pelas pesquisadoras responsáveis a partir do referencial teórico utilizado, que contará com três (3) questões de assimilação de perfil e dez (10) questões abertas sobre opiniões e vivências dos entrevistados.

A pesquisa foi realizada nos turnos matutino e vespertino em dias úteis. A coleta de dados aconteceu através de uma entrevista semiestruturada, com duração de aproximadamente 35 minutos. Os pesquisadores com identificação para tal, abordaram os pacientes enquanto esses estiveram esperando atendimento psicológico, nessa oportunidade foram convidados a participarem da pesquisa, explicando os objetivos. Mediante aceitação foi marcado um horário e dia específico para a leitura e assinatura do TCLE, para conseguinte dar início a entrevista.

As entrevistas foram realizadas numa sala reservada fornecida pela Unidade. O/a pesquisador/a ficaram à disposição para tirar dúvidas quanto qualquer questão da pesquisa. Para tratamento dos dados qualitativos foi usada análise temática (Souza, 2019).

ASPECTOS ÉTICOS

Dessa forma os aspectos éticos foram seguidos de acordo com a Resolução 466/12 do Ministério da Saúde no Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade São Francisco de Barreiras/FASB (atualmente Centro Universitário São Francisco de Barreiras), com o CAAE 1703061940005026, telefone: 3613-8854, e-mail: cepfasb@fasb.edu.br

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. PERFIL DA AMOSTRA

Tabela 01 – perfil dos participantes

Nome	sexo	Idade	Estado civil	Tempo	Vivenciou	Praticou
Afrodite	F	23 anos	Em um relacionamento	4 anos	Sim	Sim
Ártemis	F	22 anos	Em um relacionamento	6 anos	Não	Não
Atena	F	32 anos	Em um relacionamento	13 anos	Sim	Sim
Deméter	F	40 anos	Em um relacionamento	8 anos	Sim	Não
Apolo	M	20 anos	Em um relacionamento	1 ano e 3 meses	Não	Não
Hera	F	35 anos	Em um relacionamento	15 anos	Sim	Não
Héstia	F	48 anos	Em um relacionamento	30 anos	Não	Não
Ares	M	24 anos	Em um relacionamento	3 anos	Não	Não
Tália	F	44 anos	Em um relacionamento	21 anos	Não	Não
Dionísio	M	34 anos	Em um relacionamento	9 anos	Não	Sim
Eufrosina	F	33 anos	Em um relacionamento	10 anos	Sim	Sim
Aglaia	F	21 anos	Em um relacionamento	3 anos	Sim	Não
Hades	M	27 anos	Em um relacionamento	6 meses	Não	Sim
Hebe	F	20 anos	Em um relacionamento	4 anos	Não	Não
Hefesto	M	32 anos	Em um relacionamento	5 anos	Não	Não
Hécate	F	32 anos	Em um relacionamento	12 anos	Sim	Não
Nice	F	53 anos	Em um relacionamento	4 anos	Sim	Não
Éris	F	34 anos	Em um relacionamento	1 ano e 6 meses	Sim	Não
Poseidon	M	28 anos	Em um relacionamento	2 anos e 8 meses	Não	Não
Nemeses	F	26 anos	Em um relacionamento	2 anos e 8 meses	Não	Não
Perséfone	F	35 anos	Em um relacionamento	12 anos	Sim	Não
Dione	F	38 anos	Em um relacionamento	23 anos	Sim	Não

Fonte: própria, 2020.

A tabela 01 descreve o perfil dos participantes, como sexo e idade. Além de apresentar quando tempo se encontram em uma relação, se já viveram ou praticaram uma traição, ou seja, algum envolvimento extraconjugal de qualquer espécie. Foram usados nomes fictícios de deuses e deusas da mitologia grega para identificação dos(as) participantes, cumprindo assim a ética do sigilo. As idades variam entre 20 e 53 anos, abarcando pessoas de variadas fases da vida.

Foram incluídos na tabela 01 (e no estudo) aqueles que viviam um relacionamento que sejam casados/as, coabitando e, ou, em uma união estável e tivesse no mínimo 18 anos, e foram excluídos os que se encontravam em processo de separação litigiosa, com algum transtorno grave ou patologia que impossibilitasse a compreensão do estudo. Fechando assim 22 participantes (25% da população)

A amostra conta com 16 mulheres e 6 homens. O relacionamento mais curto é o de *Hades* (6 meses) e o mais longo de *Dione* (23 anos).

11 participantes declararam terem vivido uma traição, todas mulheres (*Afrodite, Atena, Démeter, Hera, Eufrosina, Aglaia, Hécate, Nice, Éris, Perséfone e Dione*), e 11 nunca passaram por isso (*Ártemis, Apolo, Héstia, Ares, Tália, Dionísio, Hadesm, Hebe, Hefesto, Poseidon e Nemesis*). Apresentando igualdade entre a amostra, ou seja, entre os que já passaram pela experiência e por quem não viveu essa situação.

Dos entrevistados, 5 declararam já terem experienciado uma relação extraconjugal, (*Afrodite, Atena, Dionísio, Eufrosina, Hades*) e 17 declararam serem fiéis (*Ártemis, Démeter, Apolo, Hera, Héstia, Ares, Tália, Aglaia, Hebe, Hefesto, Hécate, Nice, Éris, Poseidon, Nemeses, Perséfone e Dione*). Ademais 8 já foram traídos, mas nunca traíram (*Démeter, Hera, Aglaia, Hécate, Nice, Éris, Perséfone e Dione*) e 3 já traíram e foram traídos (*Afrodite, Atena e Eufrosina*), ou seja, a maioria deles não viveram uma relação extraconjugal.

Tanto os nomes fictícios dos participantes, quanto as falas dos mesmos estarão ao longo da discussão em fonte Itálico, para melhor identificação.

2. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA INFIDELIDADE

“Enquanto não renovarmos nossa ideia de romantismo, continuaremos a bagunçar aquilo que foi feito apenas para dar prazer: duas pessoas vivendo juntas. Eu não conheço nada mais difícil, mas também nada mais bonito” (Medeiros, 2015, p. 12)

Segundo Moscovici (1985) as representações que temos hoje, podem ser comparadas aos mitos e crenças de sociedades anteriores a nossa, consolidando a forma como pensamos, agimos, e damos sentido as nossas emoções e pensamentos. Seria a “maneira pela qual os seres humanos tentam captar e compreender as coisas que os circundam e resolver os ‘lugares comuns’ e quebra-cabeças que envolvem seu nascimento, seus corpos, suas humilhações, o céu que veem, os humores de seu vizinho e o poder a que se submetem” (Moscovici, 1985, p.02). Inclusive também a infidelidade (Horochovski, 2004).

A infidelidade assume uma característica polimorfa, pois como é socialmente conhecido, toma proporções e significados dependendo da cultura, além de ser um assunto de interesse e que gera comunicação (artigos, livros, temas de programas, filmes, poemas e discussões). Se caracterizando, sim, como um objeto fruto de representações sociais (Santos e Almeida, 2005).

Com vistas a definir o conceito, através de entrevista, foi perguntado à amostra “o que é infidelidade?” Dois definiram como sendo um “fetiche” e “uma sensação irresistível”. Todos os 20 restantes, definiram a prática como: falta de comprometimento, caráter, respeito e amor, crueldade, insensibilidade (destruir o sonho do outro, não se importar com os sentimentos do outro), safadeza (no sentido pejorativo), covardia e quebra da confiança e de princípios de um contrato.

Por que tais conceitos são empregados? É essencial considerar que vivemos numa parte do ocidente, inclusive numa sociedade que adere a monogamia, que considera a infidelidade como uma prática injustificável e moralmente negativa (Glass & Wright, 1992). Inclusive o código penal de 1940 (Lei nº2.848, de 7 de dezembro de 1940), havia como pena a detenção de 15 dias a seis meses para a quem cometesse infidelidade, entendendo assim, como crime contra a família e o casamento. Contudo, essa Lei foi revogada em seu artigo 240 em 28 de março de 2005 (Campos, 2005; Marcão, 2006).

Segundo Bundt (2007) é do casamento e da família consanguínea que surge a ideia de exclusividade/fidelidade, cobrada principal e fortemente das mulheres, e mesmo sendo um costume fruto do patriarcado, as próprias mulheres (e homens) reproduzem essa prática machista, baseando muitas vezes sua meta de relacionamento num modelo monogâmico. Já ao homem era permitido maior liberdade sexual e moral, onde, mesmo hoje, a infidelidade tem sido perdoada, aceita e bem mais compreendida. Mesmo assim, alguns dos homens entrevistados definiram infidelidade como: “*a pessoa ser cruel, pessoa sem coração*”, “*quebrar a confiança*” e “*homem ser vergonha*” (Zampieri, 2004).

Assim, um “acordo” é estabelecido entre o casal, e a quebra desse contrato (mesmo que estabelecido de maneira inconsciente impregnado de mitos familiares ou entre as entrelinhas da convivência) caracteriza-se como um ato “errado”, como a maioria dos entrevistados (as) confirmam. E apesar dos seres humanos não serem naturalmente monogâmicos, logo ao nascer, nos vestem “fraldas morais” e somos influenciados culturalmente, indo muito além do biológico, exemplo disso é a religião com os preceitos morais - em que ao homem é proibido cobiçar a mulher do próximo (Souza, Santos & Almeida, 2009)

Em relação à conceituação de infidelidade como “fetiche”, existem de fato, aqueles que “justificam” o ato como cortesias varonis ou seduções competitivas como forma de ostentação sexual. Ou até mesmo os chamados *dom Juans* ou *Juanitas*, que relatam necessidades constantes de seduzir e se apaixonarem, que em nível extremo se encaixam nos chamados compulsivos sexuais (Zampieri, 2004).

Finalmente, o entrevistado que define a prática como uma “sensação irresistível”, talvez nos mostre que de fato, como diz Lins (1997), a monogamia como prática, não passa de uma tentativa, pois se a mesma fosse tão natural, não haveria tanto controle por parte de homens e mulheres para não serem traídos, não sendo tão assim irresistível.

Em relação ao porquê de um indivíduo cometer uma traição, mesmo sendo uma prática vista de maneira tão negativa na sociedade, já ganhou explicações biológicas, socioculturais e psicológicas. Desde um ato de autoafirmação numa tentativa de se sentirem ainda desejados e atraentes, não tento nada a ver com a vida a dois, ou totalmente voltado para provocar algo, como ciúmes ou vingança, até como busca de afeto ou sexo faltante na relação (Zampieri, 2004).

A amostra acredita que a traição pode acontecer devido à falta de atenção, diálogo e carinho entre o casal, má convivência como crise no casamento, falta de empatia, indecisão, “não saber amar”, falta de ética e respeito, discussões, monotonia e egoísmo. Apenas um entrevistado disse que não dependia de nada para acontecer, sendo uma “opção própria, traição é ação, não reação”, concordando com a ideia de que a infidelidade não é um mal que assola os casais, apenas uma expressão natural da nossa natureza poligâmica (Lins, 1997)

Outro ponto que envolve infidelidade é o perdoar ou não o parceiro. Ao serem questionados se perdoariam uma traição, 12 deles declararam que não perdoariam, três perdoariam, seis acham que depende da situação para perdoar ou não e um não soube responder. Essas respostas condizem com a anterior conceituação da infidelidade, ou seja, um ato tão desrespeitoso segue imperdoável para a maioria.

3. SENTIMENTOS SOBRE AS RELAÇÕES EXTRACONJUGAIS

Para entendermos a razão de certos sentimentos surgirem com a vivência da traição, é importante entendermos as expectativas que são criadas sobre os relacionamentos. O mito do amor romântico carrega consigo a exigência de ser perfeito, é morada das projeções, onde muitos acreditam não serem felizes se não viverem uma grande história de amor. Mal sabendo que ao procurarmos viver o amor romântico estamos procurando amar, viver a paixão, construindo o relacionamento numa irrealidade, numa idealização do outro (Lins, 1997).

Segundo os entrevistados, os mesmos que relataram ter vivido uma traição, um casamento/união estável se baseia em respeito, responsabilidades, confiança, lealdade, compreensão, compromisso, reciprocidade, companheirismo, paciência, amor e harmonia. Alguns escolheram definir baseado nas convenções: ir à igreja, realizar uma cerimônia com testemunhas, ter um documento feito em cartório. E outras definiram baseando-se em sentimentos e vivências: união em nome de um sentimento, viver junto, ação natural da vida.

Fica claro que a maioria da amostra define um relacionamento longo e sério, como um compromisso com regras e expectativas, a participante *Éris* diz: “*Um compromisso de amar a outra pessoa, de respeitar até o resto da vida, ou pelo menos deveria ser assim*”. Porém a entrevistada *Perséfone* diz que um relacionamento se trata de ceder mesmo sem querer, achar que está errado mesmo se estando certo e ser feliz de vez em quando. As expectativas criadas, funcionam por um tempo, mas como declara essa entrevistada, vive um relacionamento a 12 anos, e segundo Lins (1997), depois de um tempo de relações concessões são feitas, decepções naturalmente acontecem, e cria-se um acúmulo de frustrações, o que tira o casal do “felizes para sempre” e os coloca no “feliz de vez em quando”.

Dione, define como uma união entre duas pessoas, que as vezes são diferentes, mas que se espera que possuam os mesmos propósitos para ter uma família. O mesmo, declara ter um relacionamento de 23 anos, ficando claro que o tempo de relação nos mostra o real sobre viver a dois, duas pessoas opostas pagando preços para manter a estabilidade. Sobre essa visão do casamento, Whitaker (1995) nos diz que há justamente em casamentos longos um processo de passagem do inconsciente para o consciente, ou seja, as projeções feitas no começo do casamento caem por terra, o que o autor chama de “fim do sonho transferencial” – depois de 6 a 9 anos de casamento. Os dois percebem suas diferenças, a incapacidade de mudar o outro, ou de quem escolheu seja tudo aqui que sonhou, nesse contexto do surge o “impasse

terapêutico”, a fim de trazer de volta a vivacidade da relação, arranjam-se amantes (Whitaker, 1995).

Diante de tudo isso, segundo os entrevistados a mentira e quebra do contrato matrimonial que a traição carrega, causa sentimentos como: ódio, raiva, fúria, desespero, dor, sofrimento, os piores sentimentos possíveis. Tanto homens quanto mulheres, declararam que ao passarem por uma traição se sentiram impotentes, constrangidos (as), rejeitados (as), derrotados (as), usados (as), humilhados (as) e desrespeitados (as). Segundo Lins (1997), “quando ocorre o desencanto, isto é, quando percebemos que o outro é um ser humano e não a personificação de nossas fantasias, nos ressentimos e reagimos como se tivesse ocorrido uma desgraça”

Na abordagem sistêmica, a traição se trata de uma disputa entre o casal com uma terceira pessoa envolvida como objeto de interesse, formando o que a teoria chama de triangulação, que nesse caso envolve a confiança do casal (Zacharias, et al, 2011). A infidelidade destrói a confiança antes estabelecida, e não se trata apenas de sexo, mas da mentira, do segredo que foi guardado, sendo a principal causa dos fins dos relacionamentos (Zacharias, et al, 2011 apud Pittman, 1994).

Alguns entrevistados apesar de concordarem que sempre será uma experiência ruim, encaram com menos desesperança. *Hera*, diante de sua vivência declarou não sentir nada, apenas mandou o companheiro ir embora, pois não lhe servia mais. *Afrodite* apesar de não ter perdoado, “seguiu a vida”. E *Aglaiia*, que mesmo sem chão no momento, afirma que tudo passou, pois acredita que nada é por acaso. Já outros indivíduos da amostra que não vivenciaram uma traição imaginam que se sentiriam muito mal, mas que passaria, pois o amor-próprio é essencial, ou até mesmo só acabaria o relacionamento, pois foi uma escolha do outro.

Como citado pela entrevistada o “amor-próprio” é um dos pontos mais importantes para se estabelecer um relacionamento saudável, aqui entenderemos amor-próprio como autoestima, uma valorização de si mesmo. Satir (1980), relaciona o amor-próprio/autoestima com um dos pilares para se manter um relacionamento sadio, pois uma pessoa com autoestima elevada ama de maneira autêntica sem ameaçar o parceiro afastando da relação e o atacando.

É comum inclusive, casais sacrificarem o “eu” em nome do “nós”, ou seja, não mantêm uma diferenciação clara de um para o outro, tudo para garantir uma falta ideia de “segurança amorosa”. E mesmo sendo paradoxal, quando mais um se considera uno e se afasta duma ideia de “metade de uma laranja incompleta”, mais se aumenta a intimidade, pois casais saldáveis acolhem a unidade do outro, podendo ser duas laranjas inteiras juntas (Satir, 1980)

Àqueles que já viveram uma relação extraconjugal, foi perguntado como se sentiram, as respostas mais encontradas foram: uma aventura boa, arrependimento, satisfação de momento, medo inicial e confiança com o passar do tempo.

Há discussões que permeiam a diferença da vivência da infidelidade entre o gênero masculino e feminino. Segundo Weid (2004), as mudanças no papel feminino e as conquistas no tocante a maior liberdade e emancipação de gerações mais recentes, trouxeram mudanças, onde 60% das mulheres abaixo de até 20 anos já traíram. Porém mulheres de 41 a 50 anos, apenas 20% declaram já terem vivenciado uma relação extraconjugal. A principal justificativa do público feminino à infidelidade é atribuída a uma carência no próprio relacionamento, como uma crise no casamento e o envolvimento afetivo com o terceiro.

Mas em sua pesquisa Salvino (2016), encontrou uma semelhança grande entre a definição de infidelidade de homens e mulheres, ocorrida muito provavelmente pela maior igualdade de gênero conquistada pelas mulheres, tanto sociais como em formas de pensar. A amostra dessa pesquisa também não apresenta diferenças consideráveis entre homens e mulheres acerca dos motivos e práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se para este estudo que a busca do amor romântico corrobora para a representação da infidelidade. Sendo representada pejorativamente pela maior parte da amostra, classificando como ação inapropriada e de desvalor ao parceiro/a. A impressão que estabelece é que os casais permanecem arraigados com os costumes tradicionais de relação ao ponto de não se permitirem refletir sobre outras possibilidades de se estabelecerem em uma relação amorosa, que não pela monogamia. Para esses aspectos sugerimos maior verificação com outras pesquisas, em que investigue se os casais do século XXI automaticamente aderem a monogamia ou estabelecem outros contratos amorosos e porque isso acontece a partir da subjetivação.

Advindo das indicações biológicas sobre a sexualidade, os seres humanos não nascem monogâmicos, mesmo assim, uma minoria declarou ter praticado a infidelidade, bem como a conceituá-la como um processo “natural” do ser humano. Dessa forma, questiona se aquela conceitualização sobre as relações extraconjugais inibem as pessoas a pensarem antagonicamente sobre, já que as regulamentações sociais parecem sobrepôr.

O feminino segue rompendo com as ideias de castidade e exclusividade, sendo nessa pesquisa, a maioria na amostra, sugere-se pesquisas em que a quantidade entre os gêneros seja

igualitária, possibilitando uma comparação. Contudo, também são as mulheres que vivenciam desilusão amorosa com consequência da infidelidade e o amor romântico.

REFERÊNCIAS

- Blow, J.A. Hartnett, K. (2007) infidelity in committed relationships ii: a substantive review.
- Bundt, R. (2007). A moral da infidelidade. *Sessões do imaginário*, 1(18), 51-56.
- Campos, F. (2005). “Decreto-Lei. No 2.848, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1940”. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De12848.htm>. Acesso em: 24/05/2016
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. 13 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- Farr, R. M. (1995). Representações sociais: A teoria e sua história. In P. Guareschi, & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos*. - 4. ed. - São Paulo: Atlas.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1992). Justifications for extramarital relationships: The association between attitudes, behaviors, and gender. *Journal of Sex Research*, 29(3), 361-387
- Grasel Zacharias, D., Paludo, E., Menezes Guedes, G., da Fontoura Winter, G., Staub Limberger, L., & Silva Da Costa, V. (2011). Um olhar sistêmico sobre a infidelidade e suas implicações. *Jornada de Pesquisa em Psicologia*.
- Horochovski, MTH. *Representações Sociais: Delineamentos de uma Categoria Analítica*. Em Tese, Vol. 2, nº 1 (2), p. 92-106
- Lins, N. R. (1997). *A Cama Na Varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Marcão, R. (2006). “Lei 11.106/2005: Novas modificações ao Código Penal Brasileiro (IV) - Dispositivos revogados”. Disponível em: < <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2857/Lei-11106-2005-Novas-modificacoes-ao-Codigo-Penal-Brasileiro-IV-Dispositivos-revogados>>. Acesso em: 24/05/2016.
- Medeiros, M. (2015). *Doidas e Santas*. São Paulo: Arqueiro.
- MOSCOVICI, S. *Sobre representações sociais*. (Traduzido por Clélia Nascimento Schulze para circulação interna). Núcleo de Psicologia Social, Departamento de Psicologia, UFSC, 1985.
- Osorio, L. C. (2002). “Casais e Famílias: uma visão contemporânea”. Porto Alegre: Artmed.

-
- Rosset, S. M. (2004). “O casal nosso de cada dia”: Curitiba.
- Sá, C. P. (2004). Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: M. J.
- Salvino, S. C. A. (2016). DESCULPA PERFEITA: Percepção de infidelidade para homens e mulheres. BDN – UFRN: Natal – RN
- Santos, M. F. S, Almeida, L. M. (2005) Diálogos com a teoria da representação social. Editora Universitária UFPE;
- SATIR, V. (1980) Terapia do grupo familiar. Rio de Janeiro:Francisco Alves.
- SÊGA, RA. O conceito de Representação Social Nas Obras de Denise Jodalet e Serge Moscovici. Anos 90, Porto Alegre, n13, julho 2000.
- Serge MOSCOVICI. Representações sociais: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2003. 404 páginas (trad. Pedrinho A. Guareschi, a partir do original em língua inglesa Social representations: explorations in social psychology [Gerard Duveen (ed.), Nova York, Polity Press/Blackwell Publishers, 2000]).
- Severino, L. R. (1996). Casais Construindo seus Caminhos: a Terapia de Casal e a Família de Origem. In: FAMÍLIAS e terapeutas: construindo caminhos. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Souza, DL. Santos, RB. Almeida, T. Vivências da Infidelidade Conjugal Feminina. Pensando Famílias, 13(2), dez. 2009; (197-214)
- Souza, L.K. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. Arq. bras. psicol. vol.71 no.2 Rio de Janeiro maio/ago. 2019
- Spink (Orgs.), O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense.
- Weid, O. (2004). Perdoe-Me Por Te Trair: Um Estudo Antropológico Sobre A Infidelidade Feminina. Revista Habitus, vol. 2 – No1
- Whitaker, C. A. (1995). As Funções do Casal in Andolfi, M. Angelo, C. Saccu, C. (1995). O Casal em Crise. São Paulo: Summus.
- Zacharias, D. G. Paludo, E. Guedes, G.M. Winter, G.F Limberger, L.S. Costa, V.S. (2011). Um Olhar Sistêmico Sobre e Infidelidade e Suas Implicações. UNISC, Santa Cruz do Sul.